

Duelo entre candidatos poste: a campanha eleitoral pela prefeitura de Fortaleza em 2012¹⁴

Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho

Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE - 1971), mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB - 1979) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC - 1998).

Monalisa Soares Lopes

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC - 2008), Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia desta mesma instituição (2011) e Doutorado também no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC (2016).

Introdução

O principal fato político a ser destacado na campanha eleitoral pela prefeitura de Fortaleza em 2012 foi o rompimento entre o PSB, do Governador Cid Gomes, e o PT, de Luizianne Lins, com implicações significativas sobre o quadro da política estadual no qual vicejava um situacionismo verticalizado

¹⁴Texto apresentado no Encontro da Associação Brasileira de Comunicação Política (ABCP) , GT Comunicação Política e Opinião Pública , Brasília 4 a 7 de agosto de 2014-11-21

envolvendo os níveis dos governos Federal, Estadual e Municipal. Neste texto, analisamos a disputa entre as lideranças do governador e as da prefeita, que – na busca de impor sua hegemonia no campo político cearense – transformaram a campanha para a prefeitura de Fortaleza em um confronto que se travava não entre os próprios candidatos, mas entre as imagens dos patronos de suas candidaturas. Os dois candidatos que, chegaram ao segundo turno, Elmano de Freitas e Roberto Cláudio, enquadravam-se na categoria de “postes” – termo cunhado pela imprensa e utilizado por analistas políticos para reportar-se a um fenômeno que tem se tornado frequente na política brasileira: a indicação para disputa de postos, no poder executivo, de candidatos desconhecidos do eleitorado, que entram no jogo político não necessariamente por méritos próprios, mas como uma espécie de teste de prestígio e capital político dos seus patronos, que os indicam e apadrinham. O termo “poste” é uma metáfora política de candidato sem luz própria, sendo utilizado como forma de desqualificar adversários assim nomeados. Entretanto é exatamente por não ter uma imagem pública própria que um candidato se credencia para assumir o lugar de outro. A derrota ou a vitória não será também a ele creditada, daí a expressão empregada para demonstrar a força máxima de um político: “ele é capaz de eleger até um poste”.

Admitimos como hipótese que a expansão recente deste fenômeno vincula-se à tendência de ciclos políticos mais longos possibilitados pelo instituto da reeleição que intensificou a tendência situacionista em todos os níveis de governo. Um governante com uma marca de gestão positiva alimentada pela publicidade institucional pode ao fim do segundo mandato ser vicariamente “reeleito” através de um “candidato poste”. A duração de um ciclo político centrado em um personagem político pressupõe que o nome escolhido para sucedê-lo seja

uma decisão pessoal do mandatário, apresentado e reconhecido como seu sucessor para dar continuidade ao legado político que lhe é entregue. Vale ressaltar que esse fenômeno permite compreender como o personalismo – elemento relevante da cultura política brasileira – foi paradoxalmente exacerbado na fase mais recente da redemocratização, quando a comunicação no formato midiático-publicitário passou a atuar como condição básica de construção de carreiras políticas em disputas majoritárias. Mesmo antes da legislação que instituiu a reeleição para postos do executivo, já tínhamos casos de “reeleições vicárias”. Lembremos os exemplos paradigmáticos da eleição de Pita, “poste” de Maluf para a prefeitura de São Paulo (1996), e de Antônio Cambraia, “poste” de Juraci Magalhães para a prefeitura de Fortaleza (1992). Ambos foram vitoriosos em primeiro turno.

Pretende-se, neste texto, desenvolver uma análise das especificidades da retórica eleitoral da campanha para prefeitura de Fortaleza em 2012 que envolveu não apenas um, mas dois candidatos “postes”. Quais contratos de comunicação são estabelecidos entre candidatos e eleitores? Em que medida esse estudo nos ajuda a compreender dimensões do complexo processo de funcionamento da “cabeça” dos eleitores que decidem votar em um candidato como se tivessem votando em outro?

Serão analisados textos de programas do horário eleitoral de TV veiculados pelos dois candidatos: Elmano de Freitas (da então prefeita) e Roberto Cláudio (do então governador), no primeiro e segundo turnos da campanha, admitindo que os mesmos condensem elementos centrais das estratégias de comunicação utilizados na disputa pela adesão dos eleitores. Destacamos alguns questionamentos como provocadores deste estudo: a) Quais aspectos do cenário eleitoral favoreciam a indicação de “candidatos poste”? b) Existem peculiaridades no

processo de indicação de candidatos que expressam a submissão dos partidos à vontade pessoal de determinadas lideranças? c) Como entender a meteórica curva de ascensão nas pesquisas dos candidatos “postes”, que sempre partem de reduzidos níveis de intenções de voto?

Em busca de explicações para o fenômeno dos candidatos “postes”

No texto “*Luzes do ‘poste’: uma análise da eleição para prefeito de Recife em 2008*”, Bizarro e Alli (2011) esboçam uma interessante busca de abordagens da ciência política que possam ser aplicadas para explicar o fenômeno dos “candidatos poste”.

No âmbito das instituições políticas, os autores reportam-se à teoria da agência (Jensen e Meckling 1976; Resende Filho, 2008), que dá destaque a situações em que um político (apoio principal) recorre a outro ator (agente secundário) para desempenhar alguma tarefa originalmente de sua própria competência, envolvendo a delegação de autoridade para legitimar o comportamento do agente delegado. Considerando o pressuposto teórico de que os indivíduos tendem à maximização da utilidade de suas ações, admite-se que o indivíduo que detém o poder (apoio principal) – e que delega para outro que em seu nome participará dele – avalia que esta opção lhe é a mais favorável, já que as relações hierárquicas estabelecidas entre eles supostamente seriam capazes de possibilitar o controle sobre o eleito. O relacionamento entre patrono, ou principal, e candidato delegado é caracterizado por Elster (1949) “*como jogo no qual, no primeiro lance, o principal propõe ao agente um contrato, segundo o qual sua recompensa ou bonificação será auferida por alguma conduta específica, que reflita o interesse do principal*”. A retribuição esperada seria manter o capital político nele depositado, apresentando um desempenho satisfatório como gestor replicando com fidelidade, sem laivos

de autonomia à imagem daquele que o construiu como candidato. O problema, porém, como apontado por Bizarro (2011), é que – se inicialmente há uma assimetria de poder entre o patrono e o candidato a quem os votos são transferidos – essa situação poderá inverter-se quando o “poste” eleito e empossado no exercício das prerrogativas de mando inerentes ao cargo busque firmar-se mais autonomamente no campo político. A ausência de uma instância controladora, independente do cumprimento dos termos do “contrato inicial” firmado entre patrono e “candidato delegado”, dá suporte a muitos casos em nossa história política de “traições” entre criadores e criaturas.

O entendimento do fenômeno do sucesso dos “candidatos poste” é buscado principalmente na perspectiva dos eleitores e, para tanto, os autores recorrem à literatura sobre as três principais abordagens de como eles decidem seus votos: a) a sociológica, que ressalta o papel das identidades coletivas, das práticas culturais e posições na estrutura de classes; b) a psicológica, que destaca a importância das motivações subjetivas e perfis de personalidade dos indivíduos na determinação de suas escolhas eleitorais; c) a teoria racional, que considera os eleitores como atores que escolhem racionalmente em quem votar, ponderando quais entre as alternativas postas podem lhes auferir maiores benefícios ou menores perdas.

Ainda que considerem esta última como a mais ajustada ao entendimento do comportamento do eleitor que elegeu João da Costa do PT para prefeito de Recife em 2008 (identificado como “candidato poste” do então prefeito João Paulo), os autores levantam dificuldades advindas da ausência de procedimentos analíticos para explicar “*como e em que direção o mecanismo de economia informacional é acionado pelo eleitor médio*” (p.210). Recorrem assim a Moro (1994), que desenvolve a tese de que o eleitor médio – ou seja, os que não se

incluem entre os aproximadamente 11% dos grupos de eleitores ideológicos, informados e politizados – tendem a decidir seu voto de uma forma intuitiva, com base na “relação cognitiva primária e natural” que as pessoas comuns (não especialistas) acionam nas situações da vida cotidiana, cujos fundamentos estão nos elementos de sua experiência (o que vê, ouve ou sente) considerados confiáveis. O eleitor intuitivo, como qualquer outro, decide seu voto por aquele que considera ser “o melhor candidato”; e mesmo que não consiga verbalizar argumentos consistentes para justificar sua escolha, ela não pode ser considerada “irracional”. Se esse “eleitor médio” se distancia do perfil do “eleitor ideológico”, do mesmo modo não pode ser confundido com o eleitor cliente, cujo voto é uma extensão da dominação tradicional de patronagem.

Admitimos que outras questões devem ser postas: em quais aspectos o fenômeno recente de “candidatos postes” se diferencia das formas tradicionais de reprodução do domínio de um político ou de seu grupo em um determinado campo político? O que ele nos revela sobre a dinâmica política brasileira atual? À guisa de hipótese, alguns aspectos diferenciais podem ser mencionados. Na política considerada tradicional, a autoridade do chefe político assentava-se principalmente no reconhecimento de que sua força política era suficiente para transferir com sucesso ao candidato por ele indicado os votos “cativos”, distribuídos em territórios eleitorais sob seu comando. Desse modo, eram remotas as possibilidades de surpresas ou mudanças bruscas nos resultados eleitorais: o candidato escolhido por um chefe político não era um desconhecido, mas alguém com pertencimento estreito ao seu grupo – e nele toda a confiança pessoal era depositada. A gramática do clientelismo tradicional, de raízes no patrimonialismo rural, assentava-se em regras particularistas de

atendimento de demandas de um eleitorado cativo, justificando assim o uso da metáfora do “curral” para qualificá-lo.

Na análise da modernização política do Brasil, Edson Nunes (2010) reconhece que o clientelismo integra a gramática política nacional atuando de forma articulada como o corporativismo e o insulamento burocrático, de modo a compatibilizar, ao longo da história, tendências de inovação e de continuidade na estrutura de nossas instituições políticas. O clientelismo, na sua forma contemporânea, é predominantemente praticado pelo Estado através da distribuição assimétrica dos recursos governamentais – quer para obras públicas, quer para programas considerados de assistência social aos mais carentes, como forma de reforçar suas bases políticas eleitorais. A justificação de distribuição assimétrica de recursos invoca para legitimar-se o objetivo republicano de redução da pobreza e das desigualdades sociais. Desse modo, as práticas clientelistas buscam ajustar-se à retórica política democrática, na medida em que o particularismo que as caracteriza se faria em nome de um universalismo de procedimentos a ser alcançado em um tempo futuro, quando as desigualdades sociais fossem minimizadas pela ação do Estado.

O clientelismo transfigura-se na medida em que – com a ampliação e concentração de recursos públicos controlados pelas máquinas governamentais – expande-se também a força política daqueles que as controlam e podem decidir sobre o fluxo e destino do que será investido sob a forma de “políticas públicas”. Conquistado o poder, torna-se mais fácil conservá-lo do que ser dele apeado pela oposição que tende a amargar um exílio cada vez mais longo e difícil de ser superado. Entende-se, assim, porque a força gravitacional do poder traz para sua órbita os mais diferentes partidos e grupos políticos. Nunca as alianças e coalizões foram tão amplas como na política brasileira das

últimas décadas; e esse fenômeno certamente não pode ser explicado por boas intenções de garantir a “governabilidade.”.

José de Souza Martins (2011) admite que a modernização no Brasil não dispensou desde a proclamação da República “a tradição do mando pessoal e da política do favor, ainda que acobertado pelas exterioridades e aparências do moderno e do contratual.” O autor destaca que, nos governos do PT (2002-2014), estabeleceu-se “*a ligação financeira direta do governo federal com as populações pobres (leia-se bolsa família) fortalecendo significativamente os nem sempre sutis mecanismos de continuísmo, enquanto fragiliza o princípio democrático da alternância do poder.*” (Martins, p. 94).

André Singer (2012) identifica o “Lulismo” como traço personalista da política que ultrapassa as fronteiras do PT e acenaria como uma tendência de continuidade política que poderá se estender por prazo indefinido desde que seus eleitores reconheçam os candidatos por ele indicados como legítimos herdeiros do seu capital político. Foi através da transferência desse legado que Dilma elegeu-se presidente em 2014 e foi candidata à reeleição em 2014, liderando as pesquisas de intenção de voto. O autor propõe o conceito de *realinhamento eleitoral*¹⁵ para explicar “a mudança de clivagens fundamentais do eleitorado que definem um ciclo político longo”. A explicação para o mencionado realinhamento eleitoral é buscada de modo especial na implementação de políticas sociais voltadas para os mais desfavorecidos (com destaque para o programa Bolsa Família), com uma consciência clara de que este era o caminho para construir uma base social mais ampla e fidelizada por ganhos materiais concretos, que afetavam suas vidas direta e

¹⁵ No caso brasileiro este realinhamento eleitoral aconteceu no decorrer do 2o mandato de Lula e pode ser constatado na composição social do eleitorado que o reelegeu em 2006. Se em 2002 o maior percentual do seu eleitorado concentrava-se nos estratos de renda e escolaridade mais altos, em 2006 64% dos que declaram votar em Lula estava na faixa de até 2 salários mínimos (Singer, p. 54).

imediatamente. A clivagem eleitoral decisiva, que não se ajusta aos critérios ideológicos clássicos de “direita e esquerda”, passa a ser entre ricos e pobres.

Os “candidatos poste” se constituem um recurso personalista de continuidade política em situações em que a reeleição do próprio governante é legalmente impedida. Nas situações em que se recorre a “candidatos poste”, o essencial é que seja viável a transferência da imagem do governante bem avaliado para aquele que ele pessoalmente indica para sucedê-lo e que, destituído de relevante capital político próprio, é apresentado aos eleitores como um replicante de si próprio. Dele se espera que diga e faça o que o Outro – de quem ele vicariamente assume o lugar – diria ou faria. O lugar de candidato não é considerado dele, mas do Outro; e o seu desempenho no cargo deverá ser pautado na perspectiva de permitir a preservação da força política daquele a quem realmente pertence. O sucesso da empreitada depende da aceitação dos termos do contrato firmado com os eleitores no decorrer da campanha. E isto não ocorre sem a sedução exercida pela retórica da continuidade política fundamentada na reiteração da imagem de gestão do antecessor, cujo legado seja validado pelo eleitor como importante preservar e ampliar.

O cenário da disputa eleitoral para a prefeitura de Fortaleza em 2012

Na Era Tasso (1986-2006), estabeleceu-se por um longo período (1988-2000) uma demarcação de territórios onde foi mantida a hegemonia de grupos políticos distintos com bases eleitorais concentradas na capital e no interior. Tasso Jereissati (PSDB) governador, e Juraci Magalhães (PMDB), prefeito de Fortaleza, mantinham uma coexistência relativamente pacífica, que evitava confrontos vigorosos entre os dois gestores. Vale ressaltar que Tasso (PSDB), assim como Juraci (PMDB), tinham

força eleitoral própria, dispensando grandes coalizões partidárias que reduzissem o exercício de controle de decisões no âmbito dos seus partidos.

O ciclo do “Juracismo” na prefeitura de Fortaleza encerrou-se em 2004, quando seu candidato a prefeito de Fortaleza (Aloísio de Carvalho) foi fragorosamente derrotado, ficando com reduzidos 7% dos votos válidos. A grande surpresa eleitoral daquele ano foi a vitória de Luizianne Lins, candidata do PT, à revelia da direção estadual e nacional do partido – que pretendia apoiar a candidatura de Inácio Arruda, do PC do B.

Em 2006, Cid Gomes, candidato do PSB em coligação com o PT ao governo do estado, contou com o apoio do então senador Tasso Jereissati, que se manifestou publicamente contra Lúcio Alcântara, candidato à reeleição pelo seu próprio partido (PSDB).

A vitória da candidata Luizianne Lins para a prefeitura de Fortaleza em 2004 fortaleceu a ela e a sua corrente política dentro do PT. Na sua reeleição, em 2008, ela teve o apoio do governador Cid Gomes (PSB), estabelecendo-se, assim, o situacionismo entre os três níveis do poder: federal (presidência da República), estadual (governo do Estado) e municipal (prefeitura da capital). Em 2010, Cid Gomes reelegeu-se para o governo do estado em – uma ampla aliança partidária (PSB/PMDB/PT/PDT/PCdoB/PRB/PSC), que incluía o PT. Com a indicação pela coligação governista de dois candidatos para as duas vagas em disputa para o senado (Eunício Oliveira, do PMDB, e Pimentel, do PT), Tasso deixou de contar com o esperado apoio do governador, que lhe garantiria uma vitória até então considerada certa, amargando então sua primeira grande derrota.

O que caracteriza o atual situacionismo é a dimensão das coligações partidárias envolvendo um grande número de siglas, de distintos perfis no espectro ideológico. A manutenção do

situacionismo teve seu grande teste nas eleições de 2012 para a prefeitura de Fortaleza. A busca de entendimento que permitisse a manutenção da aliança era apenas aparente, considerando-se que o governador Cid Gomes e a prefeita Luizianne Lins somente aceitariam nomes de candidatos que reforçassem suas posições de liderança no cenário político local. No entanto, o rompimento esperado foi adiado até às vésperas das convenções partidárias, quando Luizianne Lins indicou como candidato do PT um nome de sua confiança: Elmano de Freitas, ex-secretário da pasta de Educação em sua gestão; e o governador Cid Gomes lançou Roberto Cláudio, deputado e presidente da Assembleia Legislativa, como candidato do PSB ao cargo.

Crônica de um rompimento anunciado

A aliança entre Luizianne Lins (PT) e Cid Gomes (PSB) foi constituída quando da candidatura do último ao Governo do Estado do Ceará, enfrentando o então governador Lúcio Alcântara (PSDB). No período de constituição da aliança, Luizianne havia acabado de assumir a Presidência Estadual do PT no Ceará. Apesar da indicação do vice-governador (Professor Pinheiro) e de alguns secretários de estado vinculados ao PT, a aliança entre os partidos tinha forte componente pessoal condensado nas lideranças políticas de Luizianne e Cid. Uma evidência desse personalismo pode ser ilustrada com a prerrogativa concedida a Cid Gomes para indicar o vice de Luizianne Lins na sua candidatura à reeleição a prefeitura em 2008.

Os conflitos públicos entre Luizianne Lins e Cid Gomes foram amplamente divulgados pela mídia local ao longo do período da aliança (2006-2012). Além das questões eminentemente políticas, como as divergências em 2010 em relação ao comando da campanha de Dilma Rousseff (candidata do PT à Presidência da República) no Ceará, as divergências

entre as lideranças também envolviam aspectos relacionados aos projetos políticos implementados por ambos.

Movimentações em torno da escolha de candidatos à sucessão

Em novembro de 2011, Ciro Gomes (irmão do governador) afirmou que o PSB deveria romper a aliança com o PT e indicar um candidato próprio para concorrer à prefeitura. Nessa ocasião, Luizianne evitou a polêmica com Ciro e afirmou que buscaria dialogar com o PSB e os demais aliados na “hora certa” para decidir o futuro de Fortaleza. Os jornais informavam que, nesse período, Luizianne e Cid estavam sem se comunicar havia alguns meses e que o motivo seria a divergência sobre os possíveis nomes para representar a aliança na sucessão da prefeita.

Em meio às discussões sobre a sucessão, foi construída uma lista com 13 nomes de lideranças petistas que poderiam ser os candidatos à sucessão de Luizianne. Dentre as lideranças que já ocupavam cargos eletivos e posições de gestão na prefeitura municipal, destacavam-se seis nomes: Waldemir Catanho; o deputado federal Artur Bruno; o presidente da Câmara Municipal, Acrísio Sena; o secretário de Educação, Elmano de Freitas; o vereador Guilherme Sampaio; e o secretário das cidades do governo do estado, Camilo Santana.

No início de dezembro de 2011, Luizianne afirmava que iria conversar com Catanho para decidir se ele se disporia a ser o candidato petista a encabeçar a chapa de sucessão. Os jornais davam indicativos de que Catanho era retraído e não apresentava muito empenho em ser o candidato. A prefeita afirmava que caso Catanho não aceitasse ser candidato, o plano B seria indicar o secretário municipal de educação, Elmano de Freitas.

Em janeiro de 2012, a mídia informava que já se iniciavam as discussões internas no PT para a decisão do nome a

representar o partido nas eleições municipais de Fortaleza. A primeira conversa foi entre Luizianne e o presidente nacional do PT, Rui Falcão. Matéria do Jornal *O Povo* (16/01/2012) divulgou que, após a conversa com Rui Falcão, Luizianne buscava encontros com os dirigentes das diversas tendências petistas, sendo prioridade chegarem logo a um acordo com o grupo do deputado federal José Guimarães, tendo em vista que juntos, ele e a prefeita detinham a hegemonia total sobre o PT. A matéria acrescentava também que ela iria procurar o governador Cid Gomes (PSB), considerando que o entendimento com o chefe do executivo estadual seria a etapa mais importante das negociações. Os nomes apresentados por Luizianne para diálogo, em janeiro de 2012, foram Valdemar Catanho e Elmano de Freitas.

Em fevereiro, a retomada das atividades legislativas na câmara municipal contou com a participação de quatro petistas que buscavam a indicação de candidato à sucessão de Luizianne: Elmano de Freitas, Artur Bruno, Guilherme Sampaio e Acrísio Sena. Na ocasião, Elmano de Freitas afirmou que estava preparado para gerir a cidade e entusiasmado com o crescimento de seu nome dentro da legenda: *“Nos últimos quatro anos, estive ao lado da prefeita, acompanhando de perto as ações da prefeitura. A cidade melhorou bastante nesse mandato, mas sei que muita coisa ainda tem de ser feita”*. Diante dessa movimentação, a reação de Cid Gomes foi a de não aceitar o nome de Elmano, sob a justificativa de que a coalizão deveria ser representada por um nome mais experiente e com maior densidade eleitoral.

Em março, Ivo Gomes, então chefe de gabinete do governo, e Ciro Gomes teceram duras críticas à gestão de Luizianne na capital. Eles afirmavam que a prefeita emperrava várias obras do governo do estado na cidade de Fortaleza. No encontro do PSB, Ivo e Ciro fizeram questão de evidenciar uma

situação de desgaste na relação prefeitura de Fortaleza e Governo do Estado. Em maio, diante da ruptura iminente da aliança, Luizianne e Cid buscaram conversas com o ex-presidente Lula, tomado como árbitro da disputa entre eles.

No início de junho, realizaram-se as prévias no PT; e Elmano de Freitas foi indicado para ser o candidato do partido à prefeitura de Fortaleza. No dia do anúncio, 4 de junho, Luizianne reuniu-se com o governador Cid Gomes para informar a decisão do PT e tratar das possibilidades de manutenção da aliança. A resposta de Cid, mera formalidade, foi de que encaminharia a questão para ser tratada internamente no PSB.

Em 11 de junho, Cid Gomes anunciou que o PSB não apoiaria o nome de Elmano de Freitas para representar a coalizão na sucessão de Luizianne. O motivo, segundo o governador, era que Elmano “*representava um projeto que se exauriu*”. O governador informou ainda que o PSB gostaria de discutir com os aliados, inclusive com o PT, a possibilidade de escolher outro nome do PT. Na mesma ocasião, Cid chegou a afirmar que o PSB teria nomes para concorrer à Prefeitura de Fortaleza, tais como: o presidente da Assembleia legislativa, Roberto Cláudio, o ex-secretário especial da Copa, Ferruccio Feitosa, e o vereador Salmite Filho.

Diante da não aceitação pelo PT da proposta de alteração do nome do candidato, no dia 23 de junho, em sua convenção municipal, o PSB decidiu pela candidatura própria em Fortaleza com o candidato Roberto Cláudio. Estava selado, assim, o rompimento entre a prefeita e o governador. Iniciava-se uma batalha a ser travada na campanha entre os candidatos que, menos que posições de partidos, representavam pessoalmente a quem os indicara.¹⁶

¹⁶ Vale ressaltar que no plano estadual manteve-se a aliança entre PT e PSB.

A expectativa de uma campanha extremamente competitiva estimulou o lançamento – no primeiro turno – do elevado número de dez candidatos, dentre os quais veteranos que já tinham participado de campanhas anteriores para a prefeitura de Fortaleza: Inácio Arruda (PC do B); Moroni Torgan (DEM), Heitor Ferrer (PDT) e Renato Roseno (PSOL). Com o início do horário eleitoral na televisão, no dia 23 de agosto, consolidou-se a polarização da campanha entre os candidatos do governador e da prefeita.

Imagens dos candidatos da prefeita e do governador no horário eleitoral na TV: contratos de comunicação e estratégias discursivas.

Para analisar as estratégias discursivas utilizadas por atores em embates políticos eleitorais, é necessário inseri-las nas situações de comunicação nas quais determinadas escolhas são feitas pressupondo um cálculo dos limites e possibilidades de “lugares de fala” a serem assumidos e conseqüentemente do que pode ou não ser dito de modo a estabelecer com os destinatários (os eleitores) vínculos de identificação e de credibilidade. Como caracterizar a situação de comunicação na qual foram construídas as estratégias discursivas dos candidatos Elmano Freitas e Roberto Cláudio? Em linhas gerais, como uma disputa travada em dois planos: o principal, entre o governador Cid Gomes e a prefeita Luizianne Lins em busca de hegemonia no campo político; e o plano derivado entre os candidatos por eles indicados para concorrer à prefeitura da capital.

Existiam assim “lugares de fala” pré-delineados: para Roberto Cláudio, o de se oferecer ao eleitor como garantia de extensão e continuidade da gestão de Cid Gomes no governo estadual para a prefeitura de Fortaleza; o de Elmano de Freitas, apresentar-se como aquele que reivindicava o lugar de continuidade do que Luizianne fez de bom para Fortaleza. Nos

dois casos, os postulantes falavam de lugares de governança, do estado ou da prefeitura e, portanto, a eles não bastava fazer promessas, mas mostrar resultados de gestões, justificar ações e defender a legitimidade da pretensão de continuidade, conclamando o apoio dos eleitores através de estratégias específicas de persuasão e sedução.

A noção de “contrato de comunicação”, utilizada como ferramenta da análise do discurso, assenta-se no pressuposto da existência de uma “gramática de produção de sentidos”, que comporta pistas mais ou menos explícitas endereçadas a “destinatários idealizados” para guiá-los no reconhecimento e acolhimento dos sentidos preferenciais que lhes são oferecidos. É este mapa de “sentidos preferenciais” que pretendemos seguir na análise dos textos de programas dos dois candidatos veiculados no Horário Eleitoral Gratuito (HEG) da TV, no 1º e 2º turno da campanha eleitoral pela prefeitura de Fortaleza, em 2012.

Protocolos de apresentação dos candidatos

Os programas da campanha na TV de Elmano e Roberto Cláudio tinham em comum a necessidade de cumprir protocolos de apresentação dos dois candidatos, considerando que eram até então praticamente desconhecidos pelos eleitores (menos de 2%). E isto foi exaustivamente feito nos programas que foram ao ar nos dois turnos da campanha.

A conversa encenada entre companheiros: quem é e de quem é Elmano de Freitas?

No primeiro programa do HEG na TV, uma voz em off convoca os eleitores: “*Começa aqui o programa do Elmano Prefeito*”. O slogan da campanha é o fio que tece a cenografia utilizada, a conversa ou “bate papo” informal em que o mestre, Lula, atua como aconselhador da prefeita Luizianne e do

candidato a prefeito. A imagem de abraço de Lula em Elmano ilustra o slogan vocalizado e legendado o qual sintetiza a grande lição a ser seguida: “*Para cuidar das pessoas como Lula ensinou*”. A imagem de si (*ethos*) construída para o candidato é a do bom aluno, aquele que ouve e segue com reverência os conselhos e os passos do mestre. A dimensão da conversa encenada deixa seus traços na convocação do público para tomar conhecimento do que será mostrado.

Lula, o mestre, dá a conhecer aos fortalezenses quem é Elmano e de quem é o candidato:

“Meus amigos e amigas de Fortaleza: hoje eu estou aqui com o companheiro Elmano. Ele já foi secretário de educação, já foi secretário das finanças da companheira Luizianne, foi coordenador do orçamento participativo, o que não é pouca coisa, e foi advogado muito competente do movimento popular.”

A conversa entre “companheiros” transcorre no ambiente de uma “sala de estar”, sugestiva do grau de intimidade entre os interlocutores. A sequência de tomadas da palavra, entretanto, traz a marca da hierarquia entre eles: é Lula quem abre e direciona a conversa:

Lula: Meu caro Elmano, como é que você está disposto a enfrentar essa campanha?

Elmano: Minha disposição é avançarmos ainda mais e fazermos o ainda melhor para melhorar Fortaleza.

A resposta parte do pressuposto de que o destinatário que assiste a conversa encenada concorda com o que é dito, ou seja, que a cidade avançou sob o comando de Luizianne Lins e que sua missão como seu candidato é continuar e melhorar o que foi e está sendo feito por ela. Ao mestre e amigo experiente cumpre aconselhar, explicitar o que tem que ser feito, para que a adesão à proposta de continuidade seja aceita: oferecer ao eleitor uma imagem positiva das duas gestões da prefeita em uma clara contraposição aos altos índices de avaliação negativa até então registrados pelos institutos de pesquisa. Lula então afirma: *Elmano, uma coisa (de que) você pode ter certeza, é o seguinte:*

nenhum adversário vai reconhecer nenhuma coisa boa que a Luizianne fez. Ou seja, eles vão para a televisão pra mostrar defeitos. Então cabe a você, cabe ao PT, mostrar as coisas boas que nós fizemos.

A prefeita Luizianne intervém exatamente para dar início à tarefa sugerida: “mostrar as coisas boas que ela fez”, em parceria com Ele, a quem se dirige nomeando-o como “presidente Lula” (e não ex) – título eternizado por sua condição de lenda da política nacional. Ela recompõe a sua imagem guerreira (que pressupõe inimigos poderosos a enfrentar): ela não é apenas uma sonhadora, ela é uma realizadora “que enfrenta inimigos poderosos”.

Luizianne: Presidente Lula, o seu governo nos proporcionou ter acesso a verbas que nós inclusive estamos deixando para os projetos grandiosos que a cidade hoje já tem, como é o caso da Vila do Mar, do Hospital da Mulher, do Cuca – que é o Centro Integrado de Cultura, Arte, Ciências e Esportes, que inclusive o sr. inaugurou conosco aqui em Fortaleza – obras para a juventude... São grandes obras que vão ficar para a história de Fortaleza. É como eu digo: sonhar é bom, mas melhor é a gente ter coragem para enfrentar e construir o sonho.

No encerramento da “conversa esclarecedora”, Lula, Luizianne e Elmano unem suas mãos: gesto simbólico do compromisso selado entre eles.

A cenografia da entrevista teste: Lula e o candidato

A cenografia da entrevista é utilizada com Lula dirigindo-se diretamente ao candidato em um ping-pong de perguntas e respostas assemelhável a uma espécie de teste a que o mestre submete o aprendiz. O ritual é uma confirmação de que Elmano aprendeu a lição: mostrar as “coisas boas que Luizianne fez” como condição de construir sua imagem como candidato dela. Ou seja, o processo de elaboração de imagens é duplo, (Ela/Eu) e não pode ser dissociado.

Lula: Por falar nisso como é sua disposição para a política de transporte, o que você pretende inovar em transporte?

Elmano: Presidente Lula, Fortaleza tem a passagem mais barata do Brasil, custa R\$ 2.00 lá em Fortaleza. E **nós** temos a tarifa social no domingo que eu vou expandir para o sábado. E para as pessoas desempregadas em Fortaleza, porque lá **nós** reduzimos o desemprego de 15% para 6%, e as pessoas quando ficarem desempregadas vão poder pegar o ônibus sem pagar a passagem. Eu **vou fazer** corredor exclusivo para ônibus porque o nosso maior problema é fila no terminal e ônibus lotado no horário de pico. **Vou enfrentar** o problema que nós temos da fila no terminal e dos ônibus lotados para que o cidadão possa na hora de ir para o trabalho, e quando tiver voltando para casa possa ir mais rápido porque em Fortaleza um milhão de pessoas são transportadas nos nossos ônibus.

O dispositivo enunciativo da advertência

O movimento enunciativo seguinte se orienta para uma re-elaboração do estatuto da candidatura de Elmano Freitas, ele não é apenas o candidato da prefeita, é o candidato de todos que votaram e acreditam em Lula, no PT e em Luizianne. O destinatário idealizado é o “companheiro” ou simpatizante para revigorar seu ânimo militante no pressuposto de que ele estaria em dúvida, pouco motivado para o necessário engajamento na campanha de um candidato pouco conhecido. O tom ideológico do partido é mobilizado na promoção de um projeto político de defesa do “povo pobre” contra o passado de uma elite de poderosos que o desprezava:

Lula: - O que é mais importante é cada companheiro, cada companheira de Fortaleza que acreditou no PT, que votou em mim e na Luizianne, não pense que a campanha é só do Elmano, a campanha tem que ser de todos, de todo cidadão, de toda cidadã que não quer a volta ao passado, a volta do desprezo ao povo pobre, a volta da inexistência de habitação (...)

A justificação ideológica é matizada por argumentos mais pragmáticos das vantagens do situacionismo que facilitaria o acesso a um tratamento preferencial do governo federal:

Lula: (...) eu tenho a convicção que a presidente Dilma vai ser parceira do companheiro Elmano para que Fortaleza continue crescendo, continue gerando renda e continue melhorando a vida das pessoas. Por isso a responsabilidade no dia 7 de outubro é de cada um de nós que quer cada vez mais um Brasil melhor, um Ceará Melhor.

Narrativa de história de vida: Elmano de Freitas

De modo especial para candidatos desconhecidos narrar exaustivamente suas histórias de vida durante toda a campanha é uma forma de “naturalização de suas candidaturas”, revelando uma vocação para a política que se manifestada nos menores gestos, nas escolhas feitas. Há uma composição de dois protocolos de narrativa que se intercalam: a auto narrativa feita pelo candidato e o testemunhal, em que personagens são convocados para complementar ou confirmar o que é narrado. A narrativa tem uma cronologia e uma segmentação determinada: infância e juventude; profissão; experiências políticas.

Lá no passado, na infância, na adolescência as lembranças de seus laços com a vida do povo, sua vocação para a política:

Elmano: Eu comecei com 16 anos sonhando em mudar o mundo, a cidade, o país. E eu tenho a convicção de que as ideias que eu tenho continuam extremamente vivas. Sou filho de agricultor, meu pai se chama Odilon Feitosa, minha mãe é uma professora, Laelma, nós somos cinco irmãos.

Mãe de Elmano (depoimento): Eu sinto assim um agradecimento a Deus por ter me dado umas pessoas que não me deram muito trabalho.

Pai de Elmano (depoimento): Eu queria muito que ele fosse agricultor como eu, e eu acreditava que ele fosse trabalhar em fazenda...

Elmano: Meu pai tinha um vaqueiro, o nome dele é João do Pinho, a mulher dele d. Maria.

O vaqueiro João do Pinho: Ele era um menino que vivia aqui em casa, pra onde a gente ia ele ia, no curral, ele queria ir, tirar leite de vaca ele ia também...

Elmano: Então era vivendo com a mesma comida, como os mesmos hábitos, eu acho que isso influenciou definitivamente na minha relação de eu estar no PT hoje, da minha religiosidade.

A profissão, advogado dos movimentos populares é destacada como forma de consolidar sua vocação e prepará-lo para a missão de “cuidar das pessoas”. A experiência política é advinda da participação na gestão de Luizianne:

Elmano: Eu advoguei em Fortaleza no Ceará por inteiro, e nos tribunais superiores, Tribunal de Contas da União, Superior Tribunal da Justiça.

Depoimento de Inocêncio Uchoa, juiz do trabalho: O Elmano é um homem absolutamente preparado para comandar a cidade de Fortaleza, e eu não tenho dúvidas de que ele será um prefeito diferenciado e vai ficar na história dessa cidade.

Elmano: Eu passei dois anos no Orçamento Participativo, trabalhando junto com as famílias. O Orçamento Participativo me ensinou uma coisa muito importante, como entender, como ter acesso pleno ao orçamento da prefeitura de Fortaleza, quanto custa cada obra para que de fato a gente avance na transparência. Acumulei experiência na da educação, eu conheço a máquina da prefeitura, tenho segurança que nenhum

outro candidato assumindo a prefeitura em janeiro de 2013 conhece a cidade, conhece a prefeitura, conhece a realidade do nosso povo melhor do que eu.

Utilizadas para mostrar o candidato em ação, as cenas de comício, as visitas as casas de eleitores e os testemunhos são formas de demarcar um *ethos* diferenciado para Elmano. É nas lições recebidas na vivência com o povo que ele busca legitimar sua candidatura, afirmando sua opção preferencial pelos pobres, eufemisticamente nomeados como “os que mais precisam”. (Com isso busca-se construir um contraponto ao opositor principal, o candidato do governador, supostamente da elite, que busca legitimidade no preparo acadêmico, na titulação universitária).

Elmano: Confiança, a confiança não há livro, não há faculdade, não há mestrado, não há doutorado que ensine a cuidar das pessoas e a amar o povo mais pobre. E eu tenho clareza (repete) que nós fazemos aliança para governar Fortaleza. As pessoas são muito pesadas para serem carregadas no ombro por isso eu as levo é no coração. (Repete)

Voz off, imagens alternadas de Lula, Luizianne, Elmano e Dilma: Este programa de hoje é dedicado a todas as pessoas que como Lula acreditam na força dos seus sonhos.

“Quem é?” e “de quem é?” o candidato Roberto Cláudio?

Os protocolos de apresentação do candidato ao eleitorado são distintos dos utilizados por Elmano. O foco inicial é narrar a sua história, mostrar que sua trajetória pessoal o credenciaria para ocupar o lugar que lhe foi reservado na política. A voz *off* introduz a narrativa anunciando e preenchendo as lacunas de uma espécie de ficha de identificação do candidato, em sincronia com fotos em preto e branco extraídas de álbuns de família que ocupam a tela (Imagens que parasitam o texto verbal para reforçar o sentido do que é dito).

Depoimentos testemunhais de quem acompanhou de perto os seus passos são utilizados para avaliar a sua história pessoal, numa operação que buscava transferir valores morais da esfera da vida particular para a vida pública, em um esforço para construir um capital político que o candidato não detinha. Os destinatários idealizados da narrativa são obviamente os eleitores comuns que desconheciam quem era Roberto Cláudio. Seguindo a regra mais comum na vida social, ninguém melhor para fazer apresentações de alguém que aqueles que o conhecem de perto, que conviveram ou convivem com ele.

Roberto Cláudio, o homem de família: filho, pai, esposo.

Voz off: Conheça agora a história de Roberto Cláudio. Ele estudou, se preparou e está pronto para o maior desafio da sua vida. Roberto Cláudio nasceu no bairro do Papicu em Fortaleza, tem 37 anos, é casado com Carol e tem duas filhas, Isabella e a pequena Roberta.

Recorre-se a “cena validada”¹⁷ do café da manhã em família para dar a conhecer quem é Roberto Cláudio em sua intimidade. A fala testemunhal é da esposa Carol:

O Roberto Cláudio é muito apaixonado pelas filhas. Nós tínhamos acabado de casar (foto do casamento) quando eu engravidei. (...) por coincidência ele tinha acabado de assumir o mandato de deputado e a Isabella foi uma grande companheira para mim nas ausências dele. (Implicatura: dedicação do marido à vida política, vocação comporta sacrifícios aceitos por ele e sua família)

Voz off: Roberto Cláudio se criou em uma família de educadores, é neto, filho e sobrinho de educadores. Como os pais aprendeu a gostar de estudar (Fotos de Roberto Cláudio criança e adolescente, com farda do Colégio Militar, considerado um dos mais rigorosos da cidade).

Na tela uma foto antiga, em preto e branco, pose clássica que reúne todos os membros da família, registro para a posteridade, documento da sua história: Pai, mãe, filhos e netos da família paterna de Roberto Cláudio. (Figura conhecida dos círculos sociais de Fortaleza, tendo sido Reitor da Universidade Federal do Ceará).

Medicina e política: duas vocações que se complementam

Roberto Cláudio, ao contrário de Elmano, não constrói sua história no formato de uma narrativa. Ele fala em tempo presente de escolhas pessoais que o conduziram à descoberta de sua vocação política. A profissão de médico, associada no imaginário popular a um dom quase sagrado de servir a quem sofre, a quem necessita de cuidados é a ponte simbólica de sua

¹⁷ Cena validada é uma noção da análise do discurso aplicada à dramaturgia política para ressaltar formas de representação do discurso que recorre a uma situação já conhecida e referendada positivamente pelos interlocutores para induzir à validação do que é dito.

travessia para o campo político. Nos dois casos, como médico e político que ele exerce a vocação para servir a população “sua profissão, ele é médico, e escolheu pós graduar-se em Saúde Pública”. A imagem que oferece de si é a do “humanista verdadeiro”.

Voz off: Roberto Cláudio de formou em medicina pela UFC. Depois que terminou a faculdade ganhou uma bolsa para fazer um mestrado em Saúde Pública na Universidade de Arizona nos Estados Unidos.

Roberto Cláudio: Sempre fui uma pessoa apaixonada pela saúde pública e que encontrei a forma de ajudar as pessoas entrando para a vida pública, alguém que pudesse servir as pessoas que mais precisam. (O verbo cuidar, utilizado na campanha do PT e substituído por servir).

A *voz off* atua como guia do eleitor, introduzindo e comentando testemunhos pessoais de diferentes fontes, lideranças comunitárias, colegas de profissão, políticos que avalizaram sua candidatura.

Kiko, líder comunitário, Vicente Pinzon: Ele fez um trabalho aqui no bairro, trouxe o amigo médico. (...) me orientou porque eu tinha um problema de cansaço.

Ciro Gomes: Ele é um médico talentosíssimo, teve oportunidade de crescer na vida e podia estar numa dessas especialidades pra ficar rico, mas a opção que fez foi ser PHD nos Estados Unidos em Saúde Pública.

Voz off: Enquanto estudava nos Estados Unidos Roberto Cláudio tinha uma certeza, um dia ia voltar pra Fortaleza e se dedicar a cuidar da saúde das pessoas.

Haroldo Rodrigues, ex ministro do STJ: Pelo espírito público que ele sempre foi detentor, ele resolveu vir para o Ceará e veio com o propósito deliberado de ingressar na política.

Gerardo Rodrigues (irmão): A gente teve essa conversa de que ele poderia seguir a carreira política e poderia ser uma das formas dele contribuir para a sociedade.

Diana Carvalho, secretária de RC na Assembléia Legislativa: Eu conheço várias comunidades que ele dá proteção, se torna até amigo, nós temos a Geneci a Dandan, a Mazé das Graviolas...

Roberto Cláudio no campo da política institucional: ele não é um neófito

Os irmãos Ferreira Gomes, Cid e Ciro aparecem de forma discreta nos programas do 1º turno. O que se realça é o *ethos* da competência, da disciplina para o trabalho de Roberto Cláudio que o sagraram candidato de uma coligação de 14 partidos.

Implicatura desse afastamento: contrapor-se a uma imagem de um candidato “inventado”.

Voz off: Em 2006 Roberto Cláudio se elegeu deputado estadual pela 1ª vez, quando participou de importantes comissões na Assembléia com saúde e educação. Já no 1º mandato foi avaliado como um dos cinco deputados mais influentes na Assembléia.

Deputado estadual José Sarto: Ele é uma pessoa que acorda cedo, chega à Assembléia cedo e sai tarde, é uma pessoa que tem uma capacidade de trabalho invejável e é uma pessoa extremamente aglutinadora, consegue trazer o consenso de uma forma democrática.

Voz off: Em 2010, Roberto Cláudio se reelegeu deputado estadual desta vez com uma votação três vezes maior e depois foi eleito por unanimidade presidente da Assembléia. Conseguiu apoio até dos adversários. Roberto Cláudio é um conciliador por natureza, está sempre trabalhando para unir e somar pessoas.

Ciro Gomes: E é por amor, ele tem afeição pelas pessoas, e é competantíssimo.

O *ethos* do político competente e conciliador são afirmados ainda no tamanho da coligação que o apóia,

Voz off: Em maio desse ano 14 partidos se uniram e escolheram Roberto Cláudio como candidato a prefeito de Fortaleza. Em 22 de setembro milhares de pessoas consagraram Roberto Cláudio candidato a prefeito pela Coligação Para Renovar Fortaleza. (Fotos do evento)

Quem pode mais: o cacife das forças de sustentação dos candidatos poste

Elmano de Freitas

Um candidato poste não se sustenta sem suportes muito poderosos em sua base. Embora de Elmano, tenha sido uma indicação pessoal da prefeita Luizianne (que encontrou resistências dentro do seu próprio partido entre as tendências às quais temiam que desdobramentos do rompimento político com o governador Cid Gomes em Fortaleza poderia acarretar para 2014) o presidente Lula atuou como grande avalista de sua candidatura. A idéia de continuidade exigia não apenas a defesa da gestão de Luizianne, mas do projeto político petista, cuja figura emblemática é a do ex-presidente Lula, que ocupou lugar

privilegiado em todos os programas de TV do primeiro e segundo turno. Destaca-se a forma vigorosa como ele abraçou e avalizou a candidatura de Elmano, com um apelo direto aos que nele confiaram ao eleger sua candidata a presidente Dilma Roussef para renovar o pedido de voto de confiança para o candidato a prefeito a quem dava seu aval pessoal:

Lula: Em 2010 eu pedi pra você um voto de confiança e com seu apoio a presidente Dilma foi eleita. Agora eu peço seu voto para o Elmano. Ele é sério, tem experiência e fala “olho no olho” com o nosso povo. Elmano tem confiança e a garantia para junto com a presidente Dilma fazer Fortaleza avançar. Elmano é o meu candidato” (Programa do 2º turno)

O tom ideológico de contraposição entre a política da elite e política para o povo pobre como marca da era petista, exorciza o passado infundindo temor de sua volta. Elmano é tratado como “companheiro”, assim como o é a presidente Dilma, em nome de quem ele fala para assegurar os benefícios advindos de uma parceria política poderosa.

Lula: A campanha tem que ser de todos que não querem que Fortaleza retroceda, que não querem uma volta ao passado, a volta do desprezo ao povo pobre, a volta da dificuldade de construir parceria com o governo federal. E eu tenho a convicção que a companheira Dilma vai ser parceira do companheiro Elmano pra que Fortaleza continue crescendo, continue dando emprego e continue melhorando a vida das pessoas.

É também Lula que toma a palavra para defender a gestão de Luizianne de críticas dos opositores. A presença de Luizianne na campanha foi forte e alcançou o efeito pretendido de alterar significativamente a imagem de suas gestões, o que pôde ser observado na subida dos índices de avaliação positiva detectados nas pesquisas realizadas no período eleitoral. Com o destemor para enfrentar adversidades, que marcaram sua trajetória política ela vem a público não para defender-se, mas para mostrar que cumpriu suas promessas, que se manteve fiel ao projeto político petista:

Luizianne: Nós na prefeitura de Fortaleza governamos para os que mais precisam, governamos para o povo, essa foi a nossa prioridade, a nossa marca. E foi governando para o povo que

transformamos Fortaleza nos últimos oito anos foi a campeã do Nordeste em investimentos públicos, na geração de empregos e no turismo (...) Trabalhar para o povo e cuidar das pessoas que mais precisam sempre foi o meu compromisso, mas para fazer essa opção pelos mais pobres é preciso ter coragem para enfrentar interesses muito poderosos. A verdade é que estamos no rumo certo.

Um candidato poste, porém, em uma disputa acirrada como foi a de 2012, decidida em 2º turno não poderia ter um desempenho pessoal não convincente. E é invocando a força do povo que Elmano busca ganhar voz própria, dirigindo-se diretamente aos eleitores com questionamentos desafiadores:

Gostaria de ser muito franco nessa hora e lembrar a vocês que o voto é um ato de cidadania. Quero seu apóio, mas a decisão é sua. Portanto, pense bem e decida quem mais pode avançar nas mudanças que o PT iniciou no Brasil e em Fortaleza? Quem mais pode garantir as conquistas que o povo teve nos últimos oito anos e avançar ainda mais com a presidente Dilma sem ameaça de descontinuidade?

Indagações que ele próprio se incumba de responder afastando dúvidas, de que ele é o candidato que encarna o projeto petista aquele em quem se pode confiar para garantir e fazer avançar as conquistas do povo: *“Eu tenho experiência e compromisso sincero com as pessoas, vou governar para todos mas com um olhar especial para os que mais precisam. Sei como fazer e vou fazer bem. Por isso preciso do seu voto, quero merecer o seu voto.”*

As gestões de Luizianne como prefeita são incluídas em uma temporalidade petista de poder cujo início é demarcado pela vitória do presidente Lula em 2002, narrada nos versos musicais em ritmo de “farró”, veiculados repetidas vezes nos programas do 2º turno:

Foi há dez anos que a mudança começou com Lula. O Brasil todo mudou. A vida do povo é outra, já tá tudo diferente, tem mais oportunidades, até pros filhos da gente. Depois veio a vez de Dilma que o Brasil não conhecia, mas a palavra de Lula foi a nossa garantia. Competente e preparada, cara nova e diferente, assumiu o lugar dele e o Brasil seguiu em frente. Fortaleza consciente vai novamente renovar, tem gente nova chegando e merece o seu lugar. Gente séria e preparada,

dedicada e competente, é Elmano *pra* prefeito! Este cara é diferente.

Roberto Cláudio

Como já dito, ao “candidato poste” não basta prometer ou fazer propostas, é preciso mostrar que a continuidade que ele oferece tem resultados comprovados. No caso de Roberto Cláudio, tratava-se de transferir a boa imagem do governador do Estado para ele próprio, que encarnava a continuidade de um modelo de gestão já existente no estado para a prefeitura de Fortaleza. O que implicava em criticar o que não estava sendo feito, ou mal feito, e sustentar a necessidade de renovação política. A polarização era assim entre os valores da competência e da incompetência como qualidades indispensáveis na gestão da cidade.

Alguns exemplos dos dispositivos de enunciação utilizados para atingir tais objetivos podem ser localizados nos programas que tematizavam as áreas de saúde e educação. Nos dois casos as críticas são acompanhadas de dados sobre obras que o governador em parceria com o governo da presidente Dilma fez e estava fazendo em Fortaleza e o que prefeita deixou de fazer. Ou seja, o governador mesmo sem ser prefeito tinha obras e serviços prestados a Fortaleza. Implicatura: imagine se a prefeitura fosse administrada por alguém que seguisse os seus passos. Essas sugestões são apresentadas de forma relevante no tema Educação, pasta comandada por Elmano na gestão de Luizianne,

Voz off: Entre as 100 melhores escolas públicas do ensino fundamental do Ceará, nenhuma é da prefeitura de Fortaleza. Já entre as piores, 14 são da prefeitura. Os dados são do Ministério da Educação. Apesar do esforço e interesse dos professores os alunos estão passando de ano sem aprender.

Roberto Cláudio: Hoje nós vivemos duas realidades bem distintas na educação pública no Ceará. A rede municipal de Fortaleza está infelizmente em penúltimo lugar na alfabetização de crianças e tem 14 escolas entre as 100 piores do estado. Enquanto isso as escolas do interior melhoram e

hoje estão no primeiro lugar na educação em todo o Nordeste.
(...)

Depoimentos são usados para referendar as críticas:

Aíla Nascimento, dona de casa: O ensino *tá* fraco. Eu pago 25 reais todo mês no reforço pra poder ele acompanhar porque ele já tem oito anos, já vai para a terceira série e pra mim ele repetia o ano...

Voz off: O governador Cid Gomes em apenas três anos mudou o mapa da educação no estado. (...) O programa de Alfabetização na Idade Certa que acompanha o aprendizado das crianças para que elas saibam ler, escrever e compreender o que lêem até os sete anos.

Professora Lilian Pinheiro: A gente faz esse acompanhamento minucioso, de pertinho em cima das dificuldades do aluno.

Roberto Cláudio: É esse modelo que está dando certo em quase todo o Ceará que vamos implantar em Fortaleza (...) Veja o que acontece hoje nas escolas do governo do Estado aqui em Fortaleza.

Voz off guia o leitor na leitura das imagens mostradas: A escola estadual de educação profissional é um exemplo. São 17 só em Fortaleza, e 88 em todo o estado. Essa escola recebe alunos dos bairros mais carentes e oferece a eles o melhor ensino em instalações do primeiro mundo. Depoimentos de professores, alunos e pais de alunos confirmam o que o que está sendo mostrado existe e funciona.

As realizações do governo do estado em Fortaleza, também são bastante evidenciadas na área da saúde, campo de especialidade profissional de Roberto Cláudio. As UPAs, Unidades de Pronto Atendimento, e as Policlínicas exemplificavam o modelo de gestão de Cid Gomes o qual seu candidato prometia implantar em sua gestão. A expressão intimista é ilustrativa da parceria entre os dois: *“já combinei com o governador Cid Gomes construir seis policlínicas, uma em cada regional”*.

Roberto Cláudio: Só em Fortaleza o governador em parceria com o governo federal fez quatro UPAs e está fazendo mais três. Eu me comprometo a construir mais onze UPAs.

O governador avalia seu candidato:

Cid Gomes: Roberto Cláudio é sério e competente e tem muita disposição. A sua parceria com o governo estadual e com o governo federal é a certeza de que Fortaleza vai realizar o que a nossa população precisa, UPAs 24 horas, creches, escolas de tempo integral e o bilhete único. E por isso eu peço o seu voto para Roberto Cláudio no próximo domingo. Fortaleza precisa melhorar, mas só melhora se a gente renovar.

No segundo turno a força do governador se traduziu no apoio ao seu candidato. Três partidos (PPS, PC do B e PDT) que estiveram na disputa do primeiro turno juntaram-se à campanha de Roberto Cláudio e Gaudêncio (vice-governador). As declarações de apoio foram apresentadas em programas do HGPE pelo próprio Inácio Arruda (candidato pelo PC do B), e pelos presidentes dos dois outros partidos. Vale ressaltar que Heitor Ferrer, cujo slogan era “Um candidato para chamar de meu”, alusão à polarização entre o “candidato da prefeita” e o do governador, fez um pronunciamento na Assembléia legislativa negando sua adesão à candidatura de Roberto Cláudio, cuja gravação foi usada em programa do seu opositor. A balança entre os dois candidatos apoiados por “máquinas do governo” tendia a se desequilibrar confundindo os eleitores que não podia pensar a disputa em termos de situação ou oposição. Se Elmano era o candidato de Lula, o governador com participante da base aliada do federal do PT, também reivindicava o estatuto de uma parceria política frutuosa na conquista de verbas e obras para o Ceará e para Fortaleza. Vitória absoluta do discurso do situacionismo.

Considerações finais

A principal manchete da 1ª página do jornal o Povo, de oito de outubro, é bastante sugestiva: “Como dois desconhecidos chegaram ao 2º turno: Elmano (25,44%) e Roberto Cláudio (23,32%)”. Na mesma página o anúncio de dois outros candidatos considerados “postes” que chegaram ao segundo turno: em São Paulo Fernando Haddad, candidato escolhido por Lula; em Recife, Geraldo Júlio candidato do governador Eduardo Campos. O fenômeno, portanto não pode ser considerado casual e solicita uma análise mais apurada do que revela: acentuação da tendência situacionista nas últimas décadas da política brasileira. O termo “presidencialismo de

coalizão” poderia ser ampliado para “governismo de coalizão”, na medida em que tende a se espalhar para os níveis de poder estadual e municipal.

Como entender este fenômeno da perspectiva da cabeça do eleitor comum? Claro que não é possível uma resposta fácil para uma questão tão complexa, seguir o rastro dos votos pode ajudar a pensar. Ainda que computando os percentuais de votos nulos e brancos (8.7%) e abstenções (16,63%) no 2º turno e considerando o percentual de 51,2% de votos válidos dados a cinco candidatos que não chegaram ao segundo turno, é inegável a prevalência do poder de persuasão dos candidatos situacionistas que transformaram a disputa em quem já fez e pode oferecer mais aos eleitores (disputa entre imagens de gestão dos patronos dos candidatos poste). Os termos dos contratos de comunicação estabelecidos com os eleitores em suas estratégias discursivas aparentemente foram reconhecidos e aceito por grande parte dos eleitores que escolheram os dois candidatos que chegaram ao 2º turno da campanha.

Pesquisa quantitativa realizada pelo LPEM constata que eleitores que avaliavam melhor a gestão de Cid Gomes tendiam a optar por Roberto Cláudio, e os que avaliavam melhor a gestão de Luizianne optavam por Elmano. Na pesquisa qualitativa com grupos focais, algumas observações apontavam para uma certa desconfiança na exagerada presença de Lula na campanha de Elmano: *“ele está longe, ele não pode garantir o que o prefeito vai fazer”*. Entretanto, a presença de Lula como fiador da prefeita e do seu candidato foi decisiva para o rápido crescimento da candidatura de Elmano nos 45 dias do primeiro turno da campanha no rádio e na TV. O apoio de Cid Gomes teve efeito semelhante no avanço de seu candidato nas pesquisas de intenção de voto. Vale ressaltar, no entanto, que o argumento da parceria com o governo Dilma nunca foi abandonado. Ou seja, o confronto foi tratado como antagonismo pessoal entre a

prefeita e o governador. O PT como partido não foi atacado, já que todo esforço era encetado pelo governador Cid Gomes para manter a mesma base governista na política estadual e federal. Embora tenha sido vitorioso no 1º turno, Elmano passou a uma posição menos vantajosa no 2º turno em face de ampliação do arco de partidos e candidatos que aderiram ao candidato do governador. Entre dois “candidatos postes” a regra pragmática é ficar com o que por mais tempo ficará aceso. Ponto positivo para o governador que controlaria a máquina política estadual por mais dois anos de gestão.

Bibliografia

BIZARRO, Aquiles Magildo; SILVA, Leandro Alves & ROCHA, Enivaldo C. **Luzes no Poste: uma análise da eleição para prefeito de Recife em 2008**. In: LAVAREDA, Antonio & TELLES, Helcimara. Como o eleitor escolhe seu prefeito – campanha e voto nas eleições municipais. Editora FGV; Rio de Janeiro, 2011.

CARVALHO, Rejane Maria Vasconcelos Accioly de & AQUINO, Jakson Alves de. 2011. A derrota de Tasso Jereissati na disputa para o Senado em 2010: Como entender a dissolução de suas bases eleitorais? **Revista Debates (UFRGS)**, 5(2): 145-180.

MARTINS, José de Souza. **A Política do Brasil** - lupem e místico. Editora Contexto, São Paulo. 2011

NUNES, Edson de Oliveira. **A gramática política do Brasil**: clientelismo, corporativismo e insulamento burocrático. Garamond Universitária, Rio de Janeiro, 2010.

SINGER, André. **Os Sentidos do Lulismo** – Reforma Gradual e Pacto Conservador, Companhia das Letras, SP, 2012

Palavras-chave:

Campanha eleitoral;
Continuidade Política;
Discursos Eleitorais.

Resumo: Neste texto, analisamos a disputa entre as lideranças do governador e da prefeita que na busca de impor sua hegemonia no campo político cearense transformaram a campanha para a prefeitura de Fortaleza em um confronto travado não entre os próprios candidatos, mas entre as imagens dos patronos de suas candidaturas. Os candidatos, Elmano Freitas (candidato da prefeita) e Roberto Cláudio (candidato do governador) que chegaram ao segundo turno, enquadravam-se na categoria de “postes”, termo cunhado pela imprensa e utilizado por analistas políticos para reportar-se a um fenômeno que tem se tornado freqüente na política brasileira: a indicação por lideranças políticas já estabelecidas de candidatos desconhecidos do grande eleitorado, mas considerados depositários da sua confiança pessoal para disputa de postos no poder executivo e que funcionam como uma espécie de teste do prestígio e o capital político dos seus patronos.

Keywords:

Election campaign;
Continuity Policy;
Speeches.

ABSTRACT: In this text we analyze the dispute between the leadership of the Mayor and the Governor, that in the search for impose their hegemony in the Ceará's political field, they transformed the campaign for Mayor of Fortaleza in a clash not between the own candidates, but between the images of their candidatures patrons'. The candidates Elmano Freitas (Mayor's candidate), and Roberto Cláudio (Governor's candidate) who were in the second-round, were fitted in the category of "poles" , term coined by the Press and utilized by the political analysts to refer to a phenomenon that has become frequent in Brazilian politics: the indication, by the already established political leaders, of unknown candidates to the general electorate, but considered custodian of personal trust for the dispute of the posts in the executive branch and that work as a sort of test of the prestige and political capital of their patrons.